

MESA REDONDA 03: A Docência em Musicoterapia no Brasil

Os desafios da formação

Raquel Siqueira¹

A docência em musicoterapia abrange uma complexa tarefa: ecoar os sons da heterogeneidade com suas dissonâncias não a caminho de uma unificação mas à invenção de modos de trabalhar no território do *entre*. O corpo discente deve ser orientado a investir em sua capacidade de criação e invenção de seu modo de trabalhar. O conhecimento das metodologias e técnicas musicoterápicas são fundamentais e indispensáveis mas aliado a estes conhecimentos específicos ratificamos a prática de invenção como um dispositivo para o empreendedorismo, este tão importante na sociedade e no mercado de trabalho contemporâneo. A musicoterapia necessita de ampliação, de reconhecimento popular, de ser identificada como uma forma de tratamento criteriosa e responsável.

O professor-educador de musicoterapia deve priorizar a produção do pensamento crítico que se configura numa importante ferramenta na construção de um profissional disposto a desenvolver o conhecimento científico, o que se traduz em curiosidades e problematizações necessárias ao campo de conhecimento e pesquisa acadêmicos. Preparar o aluno para lidar com as vicissitudes e potencialidades do campo de trabalho que exige competência técnica e sensibilidade para atuar em equipes inter, multiprofissionais ou numa proposta transdisciplinar de atuação coletiva. Esta proposta se configura num exercício de

¹ Raquel Siqueira da Silva.

Psicóloga (CRP RJ 05/18050), musicoterapeuta (AMTRJ- 418/1), mestranda em Psicologia (Estudos da Subjetividade) na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Coordenadora do curso de graduação em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música- Centro Universitário- Rio de Janeiro

Coordenadora e fundadora do Centro de Música do Instituto Municipal Nise da Silveira. Musicoterapeuta concursada do Município do Rio de Janeiro.

Coordenadora e co-fundadora do Grupo Musical Mágicos do Som, criado com usuários de serviços de saúde mental do CAPS Usina de Sonhos do Município de Volta Redonda-RJ -1997 à 2002.

Psicóloga e coordenadora técnica da Segunda Clínica Popular do Estado do Rio de Janeiro de Dependência Química (Clínica Ricardo Iberê Gilson) período de 06 de junho à 7 de julho de 2005.

raqsiqueira2000@yahoo.com.br

caminhar no *entre*, uma mistura que não invalida a luta pelo território musicoterápico mas não o supõe em estado de purificação.

Um outro desafio do corpo docente se configura em potencializar a harmonia dissonante e contemporânea do engajamento político que ressoa em ação, credibilidade e fortalecimento de nossa profissão de musicoterapeuta. Ressaltamos a importância de uma experimentação política nas relações de força e poder institucionais nos cursos de musicoterapia, uma vivência em que cada coletivo se posicione de acordo com seus objetivos e interesses e possa encontrar um espaço de discussão capaz de acolher as diferenças e administrar debates. Para exemplificar; um espaço de discussão franco e aberto onde alunos, professores, gestores possam discutir as questões do curso. Acreditamos que a formação de musicoterapeuta não começa nem termina na graduação. A formação do musicoterapeuta começa no seu interesse por esta área, na busca anterior à graduação pelo conhecimento musical, nas vivências e interesses pessoais. Incluem a graduação que poderá ser ampliada através de cursos de extensão e pós-graduações referentes a este campo profissional.

Quanto ao campo de trabalho, o compromisso da formação deve incluir o que, metaforicamente, podemos dizer: estar atento às 'vestes' de uma vespa ao deparar-se com o ar, ou em outras palavras, preparar para um mercado de trabalho a ser conquistado. As vestes da vespa referem-se a todos os investimentos na formação do profissional musicoterapeuta e o ar seria o espaço em que o recém-graduado se lança para a conquista de seu lugar profissional. É preciso acreditar no vôo para ousar, inventar modos de trabalho, inventar a si profissionalmente e ao mesmo tempo inventar uma carreira profissional. Os musicoterapeutas lutam pela expansão da carreira e pela regulamentação da profissão, isto se insere na ousadia de cada profissional que se lança no mercado buscando em dupla face o seu espaço e o da musicoterapia, o sucesso de ambos. O individual indissociável do coletivo e o exercício político profícuo para o crescimento. A musicoterapia não está sendo inventada agora, no Brasil ela existe há quase 50 anos. Identificamos que inventar a prática profissional é condição para se estar no mercado de trabalho na contemporaneidade. As práticas de hibridação contemporâneas e as velocidades assimétricas as quais nos submetemos na máquina capitalista nos impõem uma frenética

adaptação. Logo, desenvolver a invenção dos modos de trabalhar em musicoterapia pode ser uma importante ferramenta de crescimento profissional.

As contribuições dos alunos, professores e profissionais de musicoterapia coletivamente organizados são imprescindíveis para conquistas políticas da profissão. As organizações de Diretórios Acadêmicos e/ou outras organizações políticas realizadas pelos alunos durante a graduação é um portal para a maturação das discussões políticas e para o fortalecimento da profissão e carreira ainda na graduação.

Quanto ao conteúdo da graduação acreditamos que uma formação que enfoque a sensibilização-criatividade, o conhecimento musical e os conhecimentos teóricos científicos podem compor essa complexa e híbrida formação dando suporte para uma qualificada inserção no mercado de trabalho. Na nossa profissão tentamos realizar uma exploração na qual partimos para um desconhecido usando um conhecimento que se produz. A coragem e a ousadia de ocupar um lugar no *entre*, entre profissões, entre música e terapia...

A formação do musicoterapeuta é permeada por várias outras categorias profissionais, é uma profissão que já nasceu mestiça, misturada. Atualmente é necessário se entrever, se rever, olhar pelas lentes das experimentações e ao mesmo tempo a das problematizações. Saímos da condição de estreates para a posição de entremeios, transitamos pelos meios. O ritmo poderá se fortalecer e acelerar-se no engajamento, nas lutas da categoria profissional. Para o corpo docente este é um desafio constante e permanente.

Estar no lugar de professor num curso tão heterogêneo, remete-nos a pensar nas possibilidades de fazermos das diferenças um impulsionar de ousadias. Os professores são de áreas diferentes; professores de música, professores de musicoterapia, filosofia, área médica etc. Os alunos também compõem heterogeneamente um corpo com interesses por diversas áreas tal a amplitude do campo musicoterápico, isto é constitutivo. O próprio curso, tão estimulador, provoca modificações nas intensões dos alunos conforme o decorrer da graduação.

No curso de graduação em musicoterapia do Rio de Janeiro iniciamos um processo de mudanças no currículo consultando as quatro vozes: professores, alunos, funcionários administrativos e direção. Visamos uma produção coletiva. Dois enfoques já começam a ecoar: a importância do engajamento político e a preparação para o mercado de trabalho. O

professor como o maestro desta construção. E neste contexto ele abordará aspectos clínicos, institucionais, sociais, voltados para abertura não só de canais de comunicação no campo clínico mas abertura de canais da profissão. Um ritornelo vibrante.

Raquel Siqueira da Silva